



CORPO DE DELITO

Recensão de Gervásio Lobato

Aqui e ali, chã e verdadeira, a parteira Leonarda da Purificação lembra-nos que as coisas são como são, e que atavios, macaquices, soirées e outras complicações e lustres de lapela só escondem e mascaram para quem não pode ou não quer ver



Rui Patrício

A editora Guerra & Paz, neste ano da graça de 2017 (que está a findar, mas ainda promete maravilhas e encantamentos), reeditou "Lisboa em Camisa". Fui reler. Já nem me lembrava da delícia que é, escrita abençoada e tiros certos! Não chega à elevação de um Eça (julgo eu, embora sem ser oficiante da crítica literária), mas não lhe fica atrás em talento descritivo dos tipos que por lá desfilam. Ri gostosamente, até às lágrimas. Cada página é uma

pérola de análise sociológica e psicológica, fina como o coral; e tão atual que o autor talvez não tenha suspeitado como, mais de um século depois, se voltasse ao mundo dos vivos, ainda veria tantos conselheiros Torres, um ror de Antunes, uma ou outra Josefina, vários epígonos do Dr. Fromigal e, seguramente, varões e damas da estirpe dos Martim (sem s, claro). Manas Torres e galegos como o Gil já haverá poucos, mas essa escassez hodierna sai compensada pelas Angélicas, pelas Titinas e pelos Bastinhos desta vida.

Muito injustamente anda esquecido o notável Gervásio Lobato. Convido – permitam – a ler ou a reler. E, se não se chorarem de tanto rir, sempre poderemos chorar de comiseração se olharmos em redor (e para nós mesmos) com os olhos bem abertos. Cada episódio escrito na segunda metade de Oitocentos parece premonição, como se "Lisboa em Cami-

sa" fosse a profecia de um Nostradamus da crónica de costumes. É difícil escolher os melhores retratos e episódios. A pretensiosa soirée masqué do conselheiro, sempre na esperança da aparição do Ministro Fontes, é inigualável. As apodrecidas costelas de veado, intragáveis mas caçadas por um infante da realeza, circulam de casa em casa e, pelo caminho, antes de regressarem às mãos enfatuadas do nosso conselheiro, arrancam-nos um riso fundo e despem até ao osso damas e cavalheiros cheios de aparências, pretensões e títulos, mas muito esqueléticos de espírito. Pelo meio, aqui e ali, chã e verdadeira, a parteira Leonarda da Purificação lembra-nos que as coisas são como são, e que atavios, macaquices, soirées e outras complicações e lustres de lapela só escondem e mascaram para quem não pode ou não quer ver.

Elejo dois episódios, os meus preferidos.

Logo no início, o Antunes, um bacoco espevitado, julga ter inventado um dito brilhante e, na ânsia de não passar despercebido, repete-o em voz alta para que o guarda do Museu do Carmo reconheça que ele é homem de espírito. Mas o terreno guarda julga que o Antunes, coitado, sofre de surdez, e limita-se a sentir piedade de um homem que fala tão alto. Mais para o fim do livro, quando já vai adiantada a preparação da peça teatral que aquele grupo de tristes ensaia para se dar distinção e lustro, D. Josefina é acometida de dispepsia e fica imprestável para a estreia. O Torres, conselheiro sofisticado, procura solução rebuscada, mas tarda em achá-la. Até ao dia em que o contínuo da sua repartição o faz ver a luz: pois que se dê à senhora bicarbónato de sódio. Santa mezinha para todos os enfartamentos, do corpo ou do juízo.

Escreve à sexta-feira